

REVISTA



VERSÃO ELETRÔNICA

ANO I – NÚMERO 2 – AGOSTO DE 2020 – JEQUIÉ -BA

Espectáculo online
Teresa D'Avila
Solo, com Ana Cecília Costa

REVISTA



Faça parte desta História

Sua marca bem representada

Seja um Anunciante

- Formação de leitores através do Projeto Ler é um prazer

- Leitores de diversas partes do mundo

- 12 anos trazendo informação e cultura de qualidade

- Divulgação em vários sites e redes sociais



Índice

- 04 – [Covid 19 - Cidades Pandêmicas](#)
- 06 – [Crônica – O maior Golpe do Mundo](#)
- 07 – [Reflexão - Transitoriedade](#)
- 08 – [Comportamento – Resistência](#)
- 09 – [Determinação - O sonho da liderança](#)
- 10 – [Música –](#) Canção de Jonas Carvalho sobre Anésia Cauaçu
- 11 – [Comemoração – Os 86 anos de Antôniozinho](#)
- 12 – [Encenação -](#) Ana Cecília Costa em Teresa D´Ávila Solo
- 14 – [Conto – A narrativa de Ana Luiza](#)
- 15 – [Cinema – O filme, A Revoada](#)
- 17 - [Yoga -](#) Filosofia democrática e inclusiva
- 19 – [Memória - Olha pro céu meu amor](#)
- 20 - [Poesia - Despedida](#)
- 21 - [Evento - Balada literária](#)
- 22 - [Artes Plásticas - O Pintor dos Orixás](#)
- 24 – [Filosofias - Ideias para adiar o fim do mundo](#)
- 25 – [Conhecimento -](#) A relevância do trabalho social das parceiras
- 26 – [Floresta -](#) Desmatamento na Mata Atlântica
- 28 – [Registro - Perdas Humanas](#)
- 29 – [Benur -](#) O neto do primeiro intendente de Jequié

EDITORIAL

Nesta segunda edição em formato digital da Revista COTOXÓ estamos dando continuidade ao projeto editorial iniciado em julho: de proporcionar aos nossos leitores uma amplitude de temas abordados e de espaço para autores de diversas áreas do conhecimento, uma vez que a versão eletrônica permite um maior número de páginas. A primeira edição da COTOXÓ on line teve uma grande

receptividade e amplitude, sendo lida por diversas pessoas em várias do Brasil e do mundo. A partir do mês de setembro iremos pautar textos jornalísticos e artigos de opinião a partir de sugestões dos nossos leitores. Aguardemos suas ideias de temas que poderemos abordar em nossas páginas eletrônicas. Entre em contato conosco pelo email revistacotoxo@yahoo.com.br. Boa leitura!

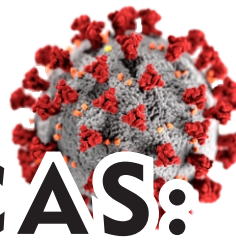


A Revista Cotoxó é uma publicação da Cotoxó Comunicações e Consultoria - CNPJ 10.694.239/0001-62
Rua Cap. Silvino de Araújo, 515, Joaquim Romão - Jequié-BA, Cep 45201-060
Tel: 73 3046-5689 / 99116-7119 / 98826-4323 / 99855-4323
E-mail: fale@revistacotoxo.com.br / Site: www.revistacotoxo.com.br

Jornalista Responsável: Domingos Ailton Ribeiro de Carvalho - 346-BA
Editoração Eletrônica: Gil Lemos - www.delascar.com.br

CIDADES PANDÊMICAS!

REFLEXÕES



Raimundo Lopes Matos*

O contexto Covid-19 por que passa a humanidade, dá conta de que a perplexidade aumentou, e a tranquilidade, discretamente se foi. A insegurança bateu na porta da frente e a segurança, insegura e trôpega, evadiu-se pela porta dos fundos. A pandemia cresceu, e o mundo se aqueceu, dividindo-se em dois, os quais são abordados, aqui, metaforicamente, como duas cidades. Estas pandêmicas, motivando diversas reflexões.

É uma mesma humanidade, e são dois mundos, duas realidades, duas cidades: cidade alta e cidade baixa. A primeira será identificada pelas letras CA e a segunda, pelas letras CB. São ligadas, e desligadas; dependentes, interdependentes, e independentes; conectadas, e desconectadas; jungidas, e disjungidas; próximas, e distantes; juntas, e separadas. Agora e na hora de ter norte, além.

As duas cidades são pandêmicas, mas como são diferentes no seu quantitativo e no seu qualitativo; nos aspectos socialmente verticais e horizontais, a pandemia cumpre, com capricho, o protocolo das diferenças entre as duas polis. Nelas, as maiores e melhores posições econômica, social e política, no geral, determinam e mostram os endereços mais imunes e os mais suscetíveis à mortalidade pelo coronavírus. Na CB, o número de mortos chega a ser dez vezes maior do que na CA.

À guisa de esclarecimento, vale dizer que, as fontes citadas neste texto, não seguem, necessariamente, uma linha cronológica, nem a um protocolo rigorosamente científico, porque o que se busca não é essa linearidade informacional, nem a complexidade científica, mas tão somente os dados para relação e comparação entre as duas cidades discrepantes.

Sobre isso, a jornalista Talyta Vespa, do Universo Online, São Paulo, em reportagem de 05 de junho de 2020, reitera as disparidades entre as duas populações, os dois mundos, as duas humanidades, quando escreve:

O bairro de Brasilândia, na zona norte de São Paulo, contabiliza o maior número de mortos pelo novo coronavírus na cidade. São 67, segundo levantamento divulgado pela prefeitura. O número é quase dez vezes maior do que a quantidade de óbitos no Morumbi—sete—, bairro nobre na zona sul, que é o que tem mais casos registrados: 332. No Brasil, de acordo com dados divulgados pela ONG Rede Nossa São Paulo, o fator de risco para que a covid-19 seja fatal é o endereço... (1).

Motivado por esses dados estatísticos, esse raciocínio escancara o abismo quase intransponível entre a CA e a CB; como as carências em todas as áreas e em todos os níveis são inegavelmente contributivas para que não haja mortes, ou haja poucas mortes ou muitas mortes. Aqui, ali e alhures. Com isso não se está negando a letalidade do coronavírus. Há consciência de que todos estão sob os ventos da tempestade pandêmica e que precisam se proteger. Mas, verdade seja dita, antes desses ventos deveria ter havido e deverá haver a partir de agora, proteção coletiva no sentido de **ter saúde para todos** independentemente dos endereços das zonas norte, sul, leste, oeste, vales, morros, planícies, montes, montanhas...

Isso soa como um romantismo tardio. Mas, pelo menos soa. Talvez um resquício utópico. Porque, pelo que se insinua, as diferenças entre pobres e ricos aumentarão, fazendo com que a gangorra da vida se incline apenas para um lado de forma a ficar uma extremidade sempre elevada, e a outra sempre no chão batido.

A fim de maior e melhor entendimento desse linguajar figurado, seja oportuno o texto jornalístico seguinte:

A transmissão do Covid-19 já está presente em todos os continentes, a depressão econômica também afetará os países por todo o globo. Os países mais vulneráveis serão mais

afetados, enquanto as grandes podem sair fortalecidas. (2).

Retomando à discrepância entre os dois espaços exemplificada com a Brasilândia e o Morumbi, em São Paulo, com dez vezes mais mortes na região mais carente, vale levantar-se uma controvérsia com o exemplo de Copacabana, no Rio de Janeiro. Ali, informações estatísticas apontam um maior número de mortos do que no bairro popular Campo Grande, segundo reportagem do jornal Extra, do mês de junho de 2020:

As cenas mostram como a ligação entre esses dois tradicionalíssimos bairros cariocas vai muito além do Túnel Rebouças e da Avenida Brasil: ambos estão no topo do ranking de mortes provocadas pelo novo coronavírus no Rio. Copacabana respondia por 71 dos 1.092 óbitos registrados na cidade até ontem à noite, seguido por Campo Grande, com 58. Para a virologista Juliana Reis Cortines, do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, da UFRJ, é difícil precisar o que coloca esses dois lugares na liderança. Entretanto, ela diz, é possível levantar algumas hipóteses.

No caso de Copacabana, pode haver relação com o grande número de idosos. Também é possível que, nos dois casos, o movimento intenso no comércio tenha ligação com o quadro. Afinal, sabemos que muitas pessoas precisam escolher entre trabalhar, mesmo no meio da pandemia, ou ficar em casa sem dinheiro — diz Juliana (3).

Pela matéria do Extra pode ser insinuado que é falho o raciocínio sobre os dois bairros paulistanos referidos (Brasilândia e Morumbi), porque fica constatado, nos bairros cariocas, (Copacabana e Campo Grande) que o Covid-19 é imparcial, não discrimina, e ataca e mata, igualmente, as pessoas de todas as classes econômicas, políticas e sociais.

Todavia, a rigor, não é bem isso que mostra a realidade. Existem duas

peculiaridades nos dois espaços do Rio de Janeiro, que os diferenciam dos de São Paulo. A primeira é que Copacabana é sabidamente um bairro de idosos, grupo reconhecidamente de risco. A segunda é que, em ambos os bairros, o comércio de rua é intenso, motivando aglomeração diária. O que é dito na própria reportagem do Extra.

Em texto de O Poder, de 14 de agosto de 2020, lê-se o seguinte:

O governador do Amazonas, [Wilson Lima \(PSC\)](#), está com covid-19. Em vídeo publicado no Twitter, na 5ª feira (13.ago.2020), ele afirmou que teve teste positivo para a doença, está bem, entrou em isolamento social e vai seguir trabalhando de casa. Lima é o 12º chefe de 1 governo estadual diagnosticado com covid-19 (4).

O G1 de 03 de agosto de 2020 informa que o sétimo ministro do atual Governo se infectou com o novo coronavírus (5).

O Site Metrópoles – O seu portal de notícias, em 24 de julho de 2020, noticiou: Desde a chegada do novo coronavírus no país, até agora, ao menos 15 parlamentares, entre senadores e deputados federais, testaram positivo para a Covid-19 (6).

Nessa escalada de contaminação pelo novo coronavírus, o Presidente da República também foi alcançado, conforme ampla divulgação da imprensa escrita, falada e televisiva, a exemplo de O Universo Online (UOL), em 07 de julho de 2020 que publicou:

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) testou positivo para covid-19. A revelação foi feita hoje pelo próprio chefe do Executivo, em entrevista à TV Brasil. Ontem, ele sentiu alguns sintomas da doença e fez o exame em Brasília. O resultado foi divulgado no fim desta manhã. "Começou domingo, com uma certa indisposição, se agravou na segunda-feira, com mal-estar, cansaço e febre de 38 graus. O médico da presidência, apontando a contaminação por covid-19, fui fazer uma tomografia no hospital. Equipe médica decidiu dar hidroxicloroquina e azitromicina. Como acordo muito durante a noite, depois da meia-noite senti uma melhora, às 5 da manhã tomei a segunda dose e estou me sentindo bem, disse Bolsonaro.(7).

Sim. Esses fatos narrados

são de conhecimento geral e de domínio público. Mas, afinal, no que eles contribuem para reflexão? Eles contribuem mostrando as grandes disparidades e ou desigualdades entre as duas cidades (CA e CB) aqui mencionadas. Essas autoridades todas referidas, são cidadãos que povoam a cidade alta, onde vivem cidadania plena e plena vida. Por isso, apesar de infectados, praticamente não sofreram, não necessitaram de UTI, não foram entubados, nenhum foi a óbito, e a vida, para eles, continuou. Mesmo em isolamento social, continuaram na rotina quase normal de trabalho, despachando de seus gabinetes domésticos e ou funcionais privativos, estilo home office, e se sentindo bem! Muito bem! Tudo isso por quê? Seguiram protocolos profiláticos e ou terapêuticos eficazes de acesso limitado quase exclusivo? Por que neles a fúria do novo coronavírus é aplacada imediatamente sem caos, sem traumas, sem mortes, sem lágrimas?

No que tange à população da cidade baixa (CB), é o antônimo. E, se é o antônimo, dispensam-se quaisquer detalhamentos dos porquês. Assim, essa população, não tendo acesso às coisas básicas necessárias, a protocolos seguros recomendados e acompanhados, a meios e a espaços adequados para o tratamento, segue à deriva. Ou melhor, não segue. Fica em casa.

Daí, não seria absurdo afirmar-se que o Vírus é cruel, mas é letal para quem não tem leite, nem leite. Nessas circunstâncias, são quase impronunciáveis as expressões esperançosas e otimistas: vamos em frente; a vida segue; a vida continua...

Se as duas cidades se interdependem, por que não pensar, em termos mais humanos; civilizar as diferenças; encurtar as distâncias; diminuir as desigualdades e fundir os dois conglomerados urbanos em um só? Criar uma cidade plana e plena, sem altas e baixas, e sem altos e baixos? Uma cidade cidadã?!

Cidades pandêmicas: reflexões...

* Mestre e doutor Comunicação e Semiótica; pós-doutor em História Política da América Latina; advogado.

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/06/brasil-covid-19-nao-mata-por-idade-mas-por-endereco-sugere-estudo.htm?cmpid=copiaecola>

1. Acessado em 16/08/2020

2. <https://fdr.com.br/2020/03/25/consequencias-do-coronavirus-nos-paises-mais-ricos-e-mais-pobres-do-mundo/>

Acessado em 16/08/2020

3. <https://extra.globo.com/noticias/covid-19-campo-grande-copacabana-sao-os-bairros-recordistas-em-mortes-no-rio-24419747.html>

Acessado em 17/08/2020

<https://www.poder360.com.br/coronavirus/wilson-lima-do-amazonas-e-12o-governador-diagnosticado-com-covid-19/>

4. Acessado em 17/08/2020

5. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/07/jair-bolsonaro-testa-positivo-para-covid-19.htm>

Acessado em 17/08/2020

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/08/03/braga-netto-esta-com-covid-diz-assessoria.ghtml>

6. Acessado em 17/09/2020

7. <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/covid-19-ja-infectou-a-ao-menos-nove-deputados-federais-e-seis-senadores>

Acessado em 17/08/2020

"O MAIOR GOLPE DO MUNDO"

Por Carlos Eden Meira

A propaganda volante anunciava o show. Cada fala do locutor era intercalada por um trecho de uma das mais famosas músicas de Teixeira, cantor gaúcho que fez enorme sucesso nos anos sessenta e setenta. A música era "Coração de Luto", cuja letra falava de um incêndio que teria vitimado a mãe do cantor. Uma melodia triste, com uma letra que muitos críticos consideravam de muito mau-gosto, obviamente. Entretanto, era bastante solicitada pelos ouvintes da "Rádio Bahiana de Jequié", e, certamente, por muitos ouvintes das rádios de todo o País. O show estava sendo patrocinado por uma marca de cerveja que havia sido lançada na época, e seria realizado à noite, num dos cinemas da cidade, numa programação dupla em que o cantor se apresentaria depois da exibição de um filme, como era de costume.

Naquela noite, após o filme, o auditório superlotado, público ansioso aguardando o show, o empresário do cantor levando sua inseparável maleta "Zero Zero Sete", dirigiu-se à bilheteria do cinema e falou para o encarregado da venda de ingressos: "Pode subir pra esperar o show, que eu fico aqui pra vender mais ingressos". Realmente, ainda

havia muita gente na fila, e chegando mais! O rapaz que àquela altura, assim como o gerente, já confiavam na distinta e educada maneira de ser do empresário, inclusive na responsabilidade do seu cargo, entregou-lhe a bilheteria e subiu para o auditório, feliz e radiante para aguardar o show. Já eram mais de dez horas da noite, e nada de Teixeira!! O público já começava ficar impaciente, assovios e gritos reverberavam no auditório, pancadas nas cadeiras, o que fez com que o gerente assustado procurasse o empresário, tendo sido informado de que ele estava na bilheteria.

Chegando à bilheteria, o preocupado gerente encontrou o empresário saindo agitado, de maleta na mão, dizendo: "Fique aqui na bilheteria, porque liguei para o hotel, e me disseram que Teixeira já chegou! Estou indo buscá-lo"! Saiu apressado

e entrou no seu "fusca", estacionado na porta do cinema. Na bilheteria, o gerente perplexo constatou que nas gavetas não havia um único centavo! Eram mais de onze horas da noite, e nada de Teixeira!! O público agora enraivecido passou a gritar, urrar e quebrar cadeiras, saindo do cinema gritando "meu dinheiro", chutando e rasgando todos os cartazes que anunciavam filmes, principalmente os que anunciavam o "show de Teixeira". O gerente, desesperado solicitou a intervenção da polícia, mas de nada adiantou e o prejuízo foi enorme! O tal "empresário" sumiu no "oco do mundo", e dele até hoje não se sabe notícia! A propósito, quem quer saber qual o trecho da música "Coração de Luto" que a tal propaganda volante repetia ao anunciar o "show"? Era justamente a primeira frase da letra: "O MAIOR GOLPE DO MUNDO..." O cantor Teixeira com certeza nunca soube desse fato.



sobre a TRANSITORIEDADE

Psicanalista - Ieda Sampaio



Um dos textos mais belos de Freud é Sobre a Transitoriedade. Ele narra um passeio que fez com dois amigos num dia de verão, lá na Europa. Para quem conhece o frio de lá, é coisa de veras importante usufruir de dias ensolarados. Eles estavam num jardim, havia flores, cor, beleza. E aquilo era muito agradável para os três, embora os amigos de Freud tenham observado que tudo ia passar e lidavam com uma certa angústia a efemeridade das coisas belas e boas.

Freud sinaliza para seus amigos que o caráter perecível do belo não significa sua perda de valor. Ao contrário, deveria fazer aumentar em nós um certo poder de desfrutar do gozo da beleza e que sua breve passagem a tornaria ainda mais preciosa.

Na teoria Freudiana nos damos conta de que o ser humano, falante em sua existência, vive em situação íntima de desamparo e numa significativa e persistente dor de existir.

O texto Sobre a Transitoriedade é bastante rico e enriquecedor, podemos lê-lo sob vários ângulos e tirar deles lições sobre nossa exagerada humanidade, sobre nossas fragilidades. Na minha leitura particular, é como se o autor estivesse sinalizando para nós que devemos encontrar respostas para lidar com nosso próprio sofrimento. E cada um deve dar conta de si mesmo nesse sentido.

Estamos em meio a uma Pandemia. Se é Pandemia, é mundial. É drama que se espalha para todos os cantos do mundo, com dor e perda para todos os lados. Há prejuízos financeiros e econômicos para os países, nas nossas pequenas realidades há medo, insegurança, desajustes de toda sorte. As famílias sofrem ansiedades inefáveis.

Se é importante ficar em casa, se for possível, e enriquecer seu Eu Interior, é também sair um pouco de si mesmo e seguir a dica do Filho de Deus, quando nos indica: "olhai para os lírios

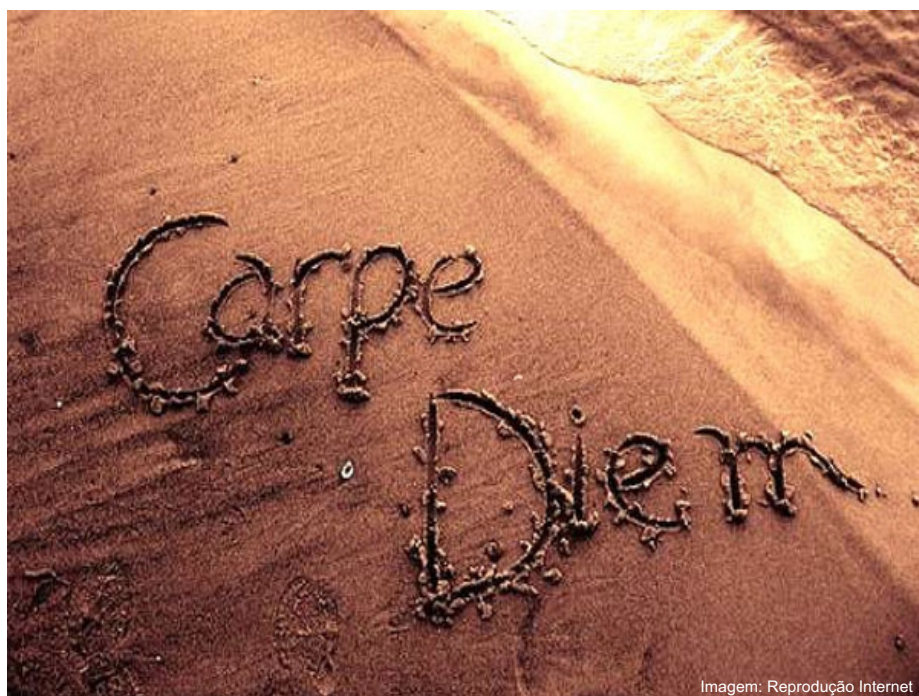


Imagem: Reprodução Internet

do campo".

Olhar para fora talvez seja uma boa saída para "não ceder ao desejo", como diz Lacan. Como crianças espertas e voltadas à vida, podemos encontrar novas brincadeiras, novo jeito de ser e estar no mundo. Podemos repensar nosso jeito de consumir, de nos relacionarmos – talvez até mais amorosamente – com os outros e conosco mesmos. Isso significa amar a vida apesar da dor. Gostar das flores, embora elas sejam perecíveis. Gostar do belo, ainda que seja efêmero.

Aprender cada vez mais a gostar de viver e desfrutar de um bom livro, de uma boa comida ou de uma boa música.

Gostar de ficar junto, ainda que de longe e ver sabor e cor em descobrir novas formas de lidar com as coisas existentes e com as pessoas. Além de conosco mesmos.

Os lírios do campo são perecíveis. Provavelmente não subsistam à próxima estação. Como as acácias amarelas que nos encham de encantamento em nossa querida Jequié e que, em algum tempo do ano, some.

A beleza de viver estará lá, sempre. Em nossa memória, em nosso coração,

enquanto piscamos os olhos e damos vazão ao que há de precioso em nossa mente.

Encontrar saídas para lidar com o que está diante de nós será um bom exercício para viver. Daí, quiçá, desenvolver em nós aquela vontade de viver que possa nos mover, nos movimentar, nos fazer tirar os pés do chão, tendo-os fincados na Terra ao mesmo tempo.

O trabalho psíquico ocorre no tempo, como nos diz Maria Rita Kehl. Extrair de nós isso que tenho chamado vontade de viver e que os filósofos chamam de Potência de vida, ocorre no tempo. Eu tive a sorte de ouvir um sábio mestre, Flordenísio Sampaio, que sempre me dizia: "dê tempo ao tempo".

É na transitoriedade da vida que encontramos a própria vida. E somos surpreendidos por essa força encantadora e maravilhosa que, no senso comum chamam de força para viver.

Contatos: iedasampaio@gmail.com, [@ieda.sampaio](https://www.instagram.com/ieda.sampaio) – Instagram, ZAP: [73-99976-7560](https://api.whatsapp.com/send?phone=73999767560)

RESISTÊNCIA



Por Dalva Reboças

“Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo.
Se a boca se cala, falam as pontas dos dedos.”
FREUD

“Nossa concepção de mente nunca mais foi a mesma depois de Freud.
Ficou repartida ente consciente e inconsciente
e povoada de desejos proibidos.”

Ao longo da vida acumulamos sentimentos e lembranças bons e ruins, reprimimos desejos que deixamos de realizar por incapacidade da infância, por críticas e proibições. Todo esse conteúdo, não sai de nós. Fica reprimido numa área do nosso cérebro, que Freud denominou de “Inconsciente”.

Veza por outra, esse conteúdo incomoda porque são desejos que queremos satisfazer e provoca sofrimentos, consequentemente e abala nossa saúde mental.

Ainda que nos esforcemos para nos livrar dos desejos reprimidos, não conseguimos porque eles são carregados de muita força. Daí a nossa mente começa a criar mecanismos para disfarçar esses pensamentos inconscientes:

- Transferimos para outrem, as nossas responsabilidades – projetamos em outras pessoas as nossas inseguranças e sentimentos desagradáveis, ou seja encontramos um “boi de piranha” para levar a nossa culpa;

- Transformamos pensamentos ruins em bons – a energia de uma raiva por determinada pessoa poderá ser aliviada durante um tomeio de luta corporal, o que poderá até nos recompensar com medalha;

- Temos atitudes infantis como se

diversas acreditando que a medicação para cura dos males físicos, cura também os males psíquicos provocados pelo conteúdo do Inconsciente. São inúmeras enfermidades que tem relação direta com o sofrimento mental, (psoríase, processos alérgicos, taquicardia, obesidade, enxaqueca, resfriados frequentes,

entre outras) mas teimamos em não enfrentar a realidade com medo do sofrimento de encarar os “nossos monstros”. A repressão impede que os



Imagem internet

- pudéssemos ser criança novamente - nos apegamos às gratificações do passado, geralmente ligadas à infância, para contornar questões dolorosas, por exemplo, apego ao bichinho de pelúcia, a um travesseiro, etc;

- Podemos reagir de maneira contrária ao nosso desejo – homofóbicos podem ter desejos homossexuais;

- Podemos negar a ocorrência de um fato traumático – uma pessoa que sofre maus-tratos do marido poderá dizer para suas amigas que ele é muito carinhoso;

- Somatizar doenças físicas

conteúdos psíquicos que incomodam cheguem à consciência então a mente cria o mecanismo da “amnésia” que pode ser temporária ou permanente e nos dá a impressão de que esquecemos nossas angustias, mas é uma ilusão, os conteúdos sempre voltam à tona para incomodar. A Psicanálise busca descobrir o conteúdo inconsciente para levar o indivíduo à cura, independente de qual desses mecanismos tentem disfarçar seu sofrimento.

Dalva Reboças

LIDERANÇA

Por Kelly Costa



"O que pensais, passais a ser." (Gandhi)

O que contribui para formar o caráter de um líder é: libertar a criatividade, para que se torne um empreendedor de sucesso.

Um bom líder não é aquele que vem da carga genética ou que adquiriu nos estudos acadêmicos, mas é aquele que chorou as cebolas do deserto, que venceu as dificuldades. Enfrentou todos os desafios de um mercado exigente.

Um bom líder sabe lidar com os diversos problemas que surgem dentro de uma organização. Eles vencem as turbulências, suportam pressões que poucos toleram, como ser humano que é, as vezes se sentem pequenos diante dos obstáculos, mas não conhecem a palavra desistir e sempre recomeçam.

O líder faz da rotina uma aventura, não se sentem aprisionados a uma rotina, apesar de ser impossível escapar dela. Contudo, a líder presa o seu tempo, criando, inventando, descobrindo. Todo líder é sociável, observador e crítico, fazem escolhas, traçam metas para alcançar um objetivo, e esperam com paciência o fruto de uma semente plantada no tempo certo.

Precisa de coragem para correr riscos. Claro, que qualquer pessoa nessa posição, existe um risco medonho que muitas pessoas sentem, "tropeçar nas mesmas pedras", cometer os mesmos erros, então tem que existir a cautela e evitar insistir nos mesmos erros. Não se deixa controlar pelos riscos, contudo deve ter o cuidado emocional para não ser controlado pelos perigos das jornadas erradas. Para isso, não se deve temer, é necessário navegar por mares desconhecidos para conquistar novos continentes.

É necessário ser líder de si mesmo para depois liderar empresas, ter uma

ambição positiva, transformar a sua vida para melhor, seu espaço íntimo, se preocupar em ajudar seu próximo. Para se tornar um grande líder e alcançar seus objetivos é preciso se preocupar com os problemas que o cercam sobretudo com os seus problemas individuais.

E quando um homem se torna um verdadeiro líder? Qual motivação? E a resposta é: "a paixão pela vida", a valorização do outro, ser útil para o

desenvolver a inteligência intelectual e emocional, para suportar o que a vida pode oferecer de ruim como: perdas, humilhações, derrotas, injustiças. Vencendo essas mazelas, veremos a capacidade de superação, de altruísmo, motivação, assim se tornarão líder de si mesmos, com a capacidade de vencer os riscos. A partir daí poderão desenvolver os seus talentos intelectuais que são muitos, adquirindo a capacidade de prevê o que pode e o que não pode dar certo.



Imagem internet

próximo". Quem pensa apenas em si mesmo, pode destruir o sonho alheio. O que diferenciam pessoas que fracassam dos que tem sucesso não é a escolaridade, mas a capacidade de superação das dificuldades enfrentadas. Muitos dizem que o líder é nato, já nasceu com a capacidade de liderar, de fato, algumas pessoas demonstram essa habilidade desde a tenra idade, podemos observar em grupos de crianças, ali naquele grupo sempre vai existir um líder, aquele que é capaz de tomar decisões muitas vezes assertivas para uma criança que ainda está se desenvolvendo, assim como vamos observar que nesse mesmo grupo vai haver uma criança submissa ou que não demonstra criatividade.

Bem, os jovens devem ser preparados para os obstáculos que a vida oferece, é preciso ajuda-los a

Ainda na infância, quando perdi o meu papai Francisco, fiquei profundamente triste. Chorei noite após noite a sua falta, sem que ninguém soubesse. Mas aprendi a desviar o pensamento de tristeza, pensar numa coisa boa, numa brincadeira, em

algo lúdico, pois saindo do foco, me sentia aliviada, mesmo que a tristeza voltasse à noite, durante o dia eu me concentrava na minha criatividade e brincava com folhas, com os palitos de fósforos criava personagens e com pedras construía casinhas, por não ter bonecas de pano, nem de plástico para brincar.

Esse artifício de substituir uma tristeza por um pensamento alegre, me ajuda até hoje a sobreviver nos meus momentos difíceis quando minha aquarela é cor de cinza.

Sobre a autora: Kelly Vieira Costa Santos é Administradora e pedagoga, especialista em Metodologia do Ensino Superior e Gestão Pública.

Música de Jonas Carvalho,

inspirada no romance Anésia Cauaçu, de Domingos Ailton, encanta ouvintes



Danilo Caymmi deve fazer trilha sonora de adaptações para o cinema e a televisão

Depois de ter lido o romance *Anésia Cauaçu*, de Domingos Ailton, o cantor e compositor Jonas Carvalho compôs a música *A saga de Anésia Cauaçu*. Em julho de 2017, durante a IV edição da Festa Literária Internacional do Sertão de Jequié – Felisquí, quando Jonas Carvalho entoava a canção, o cantor Danilo Caymmi surpreendeu o público presente ao pegar uma flauta e acompanhar o músico de Lafaiete Coutinho.

Agora Jonas Carvalho gravou em estúdio a música *A saga de Anésia Cauaçu*, com arranjo de Jackson Leal e está disponibilizando a canção nas redes sociais. Os ouvintes estão adorando. “Arrassou, Arrepediante!” Exclamou a professora Suely D’Ávila.. “Bela música!”, declarou a consagrada atriz Ana Cecília Costa, nome que poderá interpretar *Anésia Cauaçu* em uma adaptação do romance para o cinema e a televisão, que está sendo roteirizado pela cineasta

Carollini Assis.

Ouvintes da região estão pedindo que a música seja tocada nas emissoras de rádio. A canção está disponível também para que as escolas e faculdades possam utilizar nos trabalhos pedagógicos sobre o romance *Anésia Cauaçu*. O livro de autoria de Domingos Ailton foi tema



da turma campeã da gincana do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães em Jequié e objeto de estudo na Universidade Federal de Alagoas e na UESC, sendo também a primeira obra de um autor da região sudoeste da Bahia a ser incluída na relação de livros do vestibular da UESB 2020.

Além de Jonas Carvalho, o romance histórico de autoria do escritor Domingos Ailton inspirou também o poeta e cordelista Zé Walter Pires, irmão do cantor Moraes Moreira, que escreveu o livro de cordel *A saga de Anésia Cauaçu* e o curso de dança da UESB que montou o espetáculo *Cauaçu, Força, Mulher*.

Ascom do escritor
Domingos Ailton

Antoniozinho,

Domingos Ailton



completa 86 anos

No último dia 20 de agosto completou 86 anos de nascimento o ex-prefeito de Lafaiete Coutinho e memorialista, Antônio Augusto do Espírito Santo, conhecido popularmente por Antoniozinho. No registro comemorativo ao lado do seu filho, Olavo Neto.

“Quando foi prefeito de Lafaiete Coutinho, com muito esforço e dedicação construiu os principais empreendimentos que uma cidade de pequeno porte precisava para se desenvolver e oferecer seu povo melhor qualidade de vida!”, afirma Jeane Azevedo, ex-vereadora do município, que é considerada a capital regional do mel.

Jeane Azevedo cita as seguintes obras empreendidas na gestão de Antoniozinho: instalação de energia elétrica;

implantação de rede de comunicação Tinoco, prédios da delegacia de

telefônica através da Telebahia; construção do primeiro mercado municipal e do primeiro prédio da cidade com primeiro andar para agregar os serviços públicos, do Colégio Estadual Professor Eraldo

polícia militar e da Prefeitura, pavimentação da praça da feira calçada e de diversas ruas além de várias escolas na zona rural e outras obras relevantes na área urbana e no campo de Lafaiete Coutinho.

Cumriu mandato de prefeito no período de seis anos.

“Apaixonado pela leitura, guarda em sua memória uma verdadeira enciclopédia”, destaca Jeane Azevedo.

Antonionzinho é também estudioso da Guerra de Canudos e tinha uma tradição de presentear aos seus parentes e amigos, no período natalino de final de ano, toalhas com estampas e frases relacionadas a Antônio Conselheiro e ao escritor Euclides da Cunha.

Antônio Augusto do Espírito Santo casou-se com a professora Edna Matos (im memória) e é pai de único filho, o advogado Olavo Neto.



Encenação **Espectáculo online** Teresa D'Ávila **Solo,** com Ana Cecília Costa

Por Domingos Ailton



Sábado, dia 29 de agosto, 20h, a atriz Ana Cecília Costa apresenta o espetáculo Teresa D'Ávila Solo no palco do Teatro Vivo, em São Paulo, e terá transmissão para o público de internautas ao vivo por meio da plataforma Zoom. O monólogo é uma adaptação da peça teatral "A Língua em Pedacos", texto do premiado dramaturgo espanhol Juan Mayorga, que foi inspirada na autobiografia de Santa Teresa d'Ávila, mais conhecida como Santa Teresa de Jesus.

O ESPETÁCULO "A Língua em Pedacos" é baseado em "O Livro da Vida" (1565), autobiografia de Teresa D'Ávila, mística e poeta espanhola, mostra um fictício embate entre a monja carmelita e o Inquisidor, que a acusa de subversão e heresia. No Brasil, foi dirigido por Elias Andreato, com Ana Cecília Costa e Joca Andreazza no elenco. A peça cumpriu temporadas de sucesso de crítica e público no teatro Eva Herz (São Paulo, 2015 e 2017), CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo (2015), CCBB Brasília (2016) e CCBB Belo Horizonte (2016), além de ter sido apresentada em vinte CEUs (Centro Educacional Unificado) na Grande São Paulo com sessões

seguidas de debates, comprovando um alto grau de comunicabilidade da palavra poética e política de Teresa com o público contemporâneo brasileiro, independente de credo, gênero e classe social.

Além de mística e poeta, Teresa d'Ávila foi uma mulher de ação, fundando dezessete conventos de Carmelitas Descalças em toda Espanha. Como acontece com toda pessoa que está à frente de seu tempo, sobretudo tratando-se de uma mulher, foi mal compreendida e perseguida pelos setores conservadores da Igreja e da sociedade espanhola do final do século XVI. Teresa D'Ávila Solo interpretada pela talentosa Ana Cecília Costa, baiana de Jequié, dá ao público a oportunidade de conhecer melhor trechos da vida e do pensamento daquela que é considerada uma das maiores personalidades femininas do segundo milênio.

A primeira temporada do Teatro Vivo em Casa reuniu mais de 2.000 espectadores durante as sessões de suas cinco peças

online, e o sucesso foi tão grande que abriu espaço para uma segunda edição do projeto, que teve início no sábado (15) com uma produção inédita do Grupo Tapa, "Diálogos com os Personagens", uma compilação de três contos de Luigi Pirandello. Na história, um escritor recebe, durante uma audiência, personagens que vêm reivindicar existência. A interpretação é de Brian Penido, sob a direção de Eduardo Tolentino de Araújo, tendo a seguinte sequência organizada por André Acioli, responsável pela gestão e curadoria do Teatro Vivo: "Maternagem" (22/8), com Amanda Acosta, "Teresa D'Ávila Solo" (29/8), com Ana Cecília Costa, "Alice, Retrato de Mulher que Cozinha ao Fundo" (5/9), com Nicole Cordery, e "Numa Terra Estranha" (12/9), com Sidney Santiago Kunza.



Fotos: Laercio Luz

Passo a passo para o resgate de ingresso para a peça TERESA D'ÁVILA SOLO:

01

A partir do dia **27/08** acesse o link da bio do perfil do Instagram **@vivo.cultura** ou o site **www.teatrovivoonline.com.br** e preencha as informações solicitadas

02

O **link/ingresso** será enviado para o e-mail cadastrado no momento do resgate do ingresso e também via **whatsapp**

03

Verifique se o **e-mail** não caiu no **lixo eletrônico /spam**

Caso seja solicitada senha de acesso, ela está logo abaixo do **link** enviado e-mail e mensagem enviada via **whatsapp**

04

Para se conectar é necessário ter o app **Zoom** instalado no seu computador ou smartphone

05

Para uma melhor experiência mantenha sua **câmera e microfone desligados** durante a apresentação. Passo a passo para o resgate de ingresso para a peça TERESA D'ÁVILA SOLO

07

06

Recomendamos que entre na sala **com 15 minutos** de antecedência



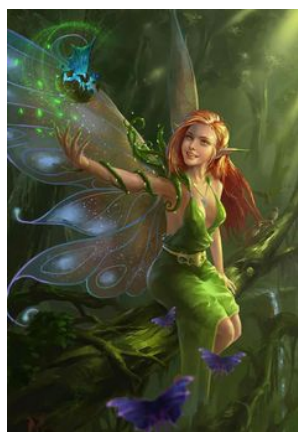
Foto: Laércio Luz

UM PEQUENO CONTO

Por Ana Luiza Almeida

Lúcia e a fada luz

Em um belo bosque, havia uma casa que morava Lúcia. Ela tinha um baú guardado e trancado pelo seu avô Zezé. Mas existia um problema, ela não sabia onde seu avô guardava a chave.



Ela estava muito curiosa para ver o que tinha no baú. Quando menos esperava uma luz começou a brilhar. Era uma fada. Ela trazia consigo a chave mágica para abri-lo. Mas tinha uma condição, Lúcia teria que ler as histórias enquanto houvesse criança no mundo.

Lúcia concordou e ao abrir o baú ficou encantada com todas aquelas histórias e emocionadas ao ler a carta do seu avô que pedia para que ela fosse uma grande leitora e amasse muito os livros.



"REVOADA"

o crepúsculo do cangaço



“Crítico de cinema no “Jornal da Bahia” entre 1968 e 1972, José Umberto realizou “O Anjo Negro” em 1972, filme singular que não se enquadrava nem no Cinema Novo, nem no “udigrudi” baiano. José Umberto é um desses cineastas que não se pode enquadrar facilmente em movimentos e tendências do cinema brasileiro. Quando do lançamento de “O Anjo Negro”, suas referências eram mais antropológicas e sociológicas do que necessariamente cinematográficas. Na sequência, realizou documentários em super-8, formato que deu visibilidade aos filmes de uma série de cineastas baianos da década de 70. Durante os anos 80 e 90 realizou trabalhos em vídeo para a TVE-Bahia/Irdeb.

“Revoada” é a volta de José Umberto para o longa-metragem de ficção. Como “O Anjo Negro”, por mais que seja tentador (e óbvio) vinculá-lo a tendências e tradições, o filme desafia as classificações mais simples. É um filme de cangaceiros, ainda que não seja um filme do gênero “cangaço”, que teve algumas releituras nas últimas décadas, como, por exemplo, “Baile Perfumado”,

de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. É também diferente do barroquismo profético de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, do conterrâneo Glauber Rocha. O filme trata do derradeiro fim do cangaço, da sua queda, da iminência da sua morte, aproximando-se de “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”, do mesmo Glauber Rocha, em sua continuidade na representação dos fracassos das forças transformadoras diante da real realidade (na ficção). Em “Revoada”, se há uma mística, é do mau agouro.

A história nos diz que os remanescentes do grupo de Lampião foram todos assassinados, e isso José Umberto leva em consideração ao

não realizar um embate entre o bando de cangaceiros Vemos, por outro lado, as tensões internas dentro do mesmo grupo, os elos de amizade, de amor e o medo do fim. Nunca um filme brasileiro se concentrou no cangaço de modo tão dramático e tão pouco épico.

A câmera de José Umberto investe nos primeiros planos e planos fechados. Os planos abertos ajudam a compor a agonia desse grupo em meio à natureza vasta, bela e indiferente à morte iminente do grupo de bandidos rebeldes. Os planos gerais não são de grandiosidade epopeica, mas de desolação. O último plano do filme é uma bela imagem que seria a síntese da aventura trágica desses cangaceiros.”

**Cleber Eduardo
Francis Vogner dos Reis**
Curadores da 18ª Mostra de Cinema de Tiradentes

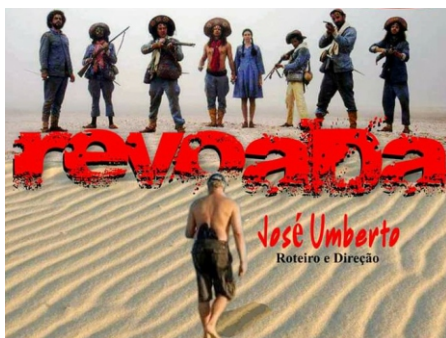
A atriz baiana Analu Tavares levou o prêmio de melhor atriz no Festival de Cinema dos Sertões, no Piauí. Analu que já foi indicada pela Academia de Cinema na categoria atriz coadjuvante pelos filmes Eu Me Lembro de Edgard Navarro e Espelho D'água de Marcos



Vinicius César, com produção de Carla Camurati, postou em sua página no Facebook, a alegria de ter levado sua primeira premiação, em meio a uma forte concorrência, agora como protagonista no filme Revoada, no papel de Jurema.

“Acabo de saber que ganhei o prêmio de MELHOR ATRIZ no Festival de Cinema dos Sertões, no Piauí, com o filme REVOADA. Nem to acreditando!! Concorrendo com Marcélia Cartaxo, Carla Marins e Priscila Fantin. Obrigada Deus! Obrigada diretor Zé Umberto, elenco, equipe, festival, família, amigos e meu amor! Eu estou transbordando de felicidade!” postou a atriz que ainda que o filme levou as premiações como melhor figurino e maquiagem no festival.

Revoada ainda não saiu nas telonas, rodado em 2007 na Chapada Diamantina, Bahia, conta no elenco com o ator Jackson Costa, apresentando a angústia de um grupo de cangaceiros, composto por duas mulheres e oito homens, que sentem a morte de Lampião e ficam desorientados, sem saber como lidar com a situação, vivendo um dilema entre se entregar para a polícia ou buscar a vingança.



Filosofia democrática e inclusiva



Elane Nardotto Rios – Estudante de Yoga na Escola Yoga em Movimento.
 Texto apreciado pelo professor Thiago Duarte



@elaneNardotto
 @yogaemmovimento
 @tiagod.art

Dia desses partilhei algumas fotos no aplicativo instagram concernentes a alguns ásanas (posturas) do Yoga que pratiquei e treinei com uma das minhas filhas. De fato, as fotos estavam harmonizadas e traziam a leveza e a alegria do Yoga e dos nossos sorrisos, próprio de quem pratica...o bem-estar visível através dos nossos corpos na caminhada da flexibilidade. Só não podemos perder de vista, nesse contexto da flexibilidade, que quando praticamos posturas no Yoga há implicações que ultrapassam o corpo físico...ao praticar, percebo quão flexível me torno com a vida; a começar comigo e com o mundo, com todos os seres. Sinto um movimento de leveza na minha dimensão emocional, mental, energética e, talvez, espiritual; afinal, há mobilidades do corpo sutil e do processo de autocuidado e autoconhecimento que envolvem essa filosofia.

ZZ

Com a referida postagem, as pessoas comentaram, posicionaram-se, fizeram elogios, comum na interação das redes sociais. Entre os diversos comentários, um chamou a minha atenção. Uma grande amiga disse...“um dia eu chego aí”. Respondi a ela que todas as pessoas já chegaram e já estão, basta querer praticar e sentir o desejo não importando a

história e a trajetória dos corpos porque na minha caminhada como estudante percebo uma filosofia de vida, no Yoga, atravessada pela inclusão e democratização do corpo físico, já que o comentário se ateu a essa dimensão. Ainda a convidei para

fazer uma prática comigo e ela topou.

Por trás dessa rápida conversa entre nós duas, verso que no Yoga não há o pressuposto da competição – próprio de algumas modalidades de atividade corporal -





Foto: reprodução internet

da comparação – cada corpo carrega a sua narrativa – e da ideia de “não conseguir” – não poder realizar se difere de não conseguir. Considero que em cada postura a identidade do corpo que define até onde se pode ir, pode conseguir ir ou pode realizar. Desse modo, podemos repensar nosso discurso e dizer, “se meu corpo puder realizar tal postura...eu desejo conseguir ir mais um pouco” e mentalizar, verbalizar para si quando estiver praticando.

Para mim, a lindeza dessa filosofia está no princípio de que quando não consigo o ideal para mim em um ásana...aprendi a respeitar o meu limite com o gostinho de tentar avançar numa perspectiva de autossuperação, vindo ao encontro de um Nyama, especificamente Tapas, cujo objetivo está na força de vontade perpassada pelo esforço de tornar-me melhor a cada instante que, longe das vaidades, é um processo de auto-observação numa consciência

de superar obstáculos para mim e por mim.

Ademais, a democratização e a inclusão dessa filosofia permitem ultrapassar barreiras para aquelas pessoas que não podem praticar as posturas, já que, o Yoga envolve técnicas diferenciadas que podem ser feitas conjuntamente ou não, a depender da escolha e dos objetivos de cada pessoa, a saber: exercícios respiratórios; vocalizações de sons – mantras; técnica de descontração e relaxamento; purificação; posturas corporais; técnicas gestuais com as mãos; meditação. O universo do Yoga é amplo, seja nas modalidades, seja na diversidade de técnicas, importando, sobretudo, processos mais profundos de encontro conosco em que podemos possibilitar nosso autoconhecimento e transformações que se iniciam de dentro para fora.

Me sinto incluída no Yoga com tudo que carrego...o enredo da minha subjetividade materializada no meu corpo físico. Vou experimentando diariamente as diferentes técnicas

mencionadas...ouço, sinto e percebo o que meu corpo quer e pode num dado momento...tem dia que só pratico meditação...outro dia só faço posturas e assim vai, sucessivamente. Essa essência democrática, inclusiva e libertadora do Yoga me conquistou e eu, dia a dia, passo a passo, respeitando a mim mesma, vou conquistando com desejo e determinação, no aqui e agora...em cada prática vivenciada...



OLHA PRO CÉU, MEU AMOR...

Por Valdeck Almeida de Jesus

*"Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha praquele balão multicolor
Como no céu vai sumindo"*

O trecho destacado da música "Olha pro céu", de Luiz Gonzaga, desperta em mim uma sensação estranha, mista de saudade, alegria, tristeza, e tantas outras que sequer consigo nomear.

Sou natural da Cidade Sol, onde o verão já marcou 50°C em algumas ocasiões. Jequié, situada entre a Zona da Mata e o Sertão, ostenta climas, floras e faunas bem variadas. A economia guarda memórias dos tempos das grandes manadas de gado, origem das fazendas e rotas de comércio. O mês de junho tem trezena de Santo Antônio, comemorações de São João e de São Pedro.

Essas características impregnam a alma dos seus moradores, nativos e visitantes. Eu nasci ali, filho de Paula Almeida de Jesus, natural de Amargosa-BA, e de João Alexandre de Jesus, vindo de Santo Antônio de Jesus-BA, municípios localizados no Recôncavo. A fome, as doenças infanto-juvenis, somados à falta de renda básica, falta de habitação, água tratada, a desestrutura familiar, nos uniu pela necessidade, pelo afeto. O São João e as festas juninas são o oásis nesse deserto.

E essas memórias afetivas me fez voltar todos os meses à cidade natal, depois de me mudar para Salvador. E no ano 2000, justo no mês junino, não foi diferente. Estava de malas prontas, sonhando com um forró, amendoim, rever amigos e a família. Mas não deu. Minha mãe faleceu dia 14 daquele mês, e as motivações dos encontros passaram a ter outros sentimentos.

A partir de então, imagino, comecei a contabilizar as mortes de familiares, de amigos. Meu pai havia falecido em



1982 e eu contava 16 anos de idade, assumi os sete irmãos e a mãe parálitica e analfabeta. E foram sumindo pessoas próximas. A esposa de Édson, depois a mulher de Valter e Dora, companheira de Neco (irmãos da primeira família de meu pai), os pais de Albérico, Creusa, Jairo... Minha sobrinha Amanda, filha de Valmir, irmão da segunda família; Valdir, meu irmão.

Em Salvador, até pessoas que não conheci, abalaram minha saudade. Um ciclista atropelado por um ônibus, na avenida Suburbana; um amigo, de São Tomé de Paripe; um assassinato de um jovem em Vista Alegre, cujos tiros eu ouvi... Um motoqueiro assassinado no bairro Nazaré, cujo tiro eu ouvi no meio da madrugada; um jovem na avenida Ogunjá, que vi agonizando pela janela do ônibus onde eu estava; Elias, um amigo de longas datas; Nini, uma vizinha que visitei na UTI; o irmão de um amigo, morto a tiros no bairro Calçada; outro amigo, assassinado a tiros em uma cidade do interior...

Os doze do Cabula. O menino Joel, Cláudia arrastada, Obezo, Skank, Amarildo, Mariele e Anderson, o genocídio diário que vitima jovens nas cidades do Brasil, agora os mortos pela Covid 19... sem falar nas mortes

simbólicas, no genocídio de nossos povos originários, a escravização e genocídios de populações de África, todas as opressões, as mortes de LGBTs, mortes de nossas florestas e do meio ambiente...

Olho pro céu, imagino quantas estrelas ainda precisam metaforizar todas as mortes passadas, presentes e as já planejadas pelo Estado. Até quando nosso sangue vai regar os banquetes de nossos opressores?



Despedida

Oh meu amor promete ficar bem!
E seguir em frente, sem olhar prá trás
Estou voltando prá casa
Em breve, não nos veremos mais

Eu bem que queria ficar mais um tempo
Mas sinceramente, já não dá
Meu pai está me chamando
Está a minha espera
Tenho que voltar

Estou voltando prá casa
Meu pai me chama
Tenho que voltar
Mas não perca a graça
Para você a vida tem que continuar

Vamos fazer de nossas vidas
Apenas um momento
Vamos viver intensamente
Vamos nos amar
Deixar de lado nossas diferenças
Porque a vida é breve
E não vale a pena desperdiçar

Com brigas e insultos
Com coisas banais
Que não nos elevam
Não dão em nada
Não nos trazem vida
Não nos trazem paz

Autora: Cleide Selma
Pereira dos Santos

BALADA LITERÁRIA

terá formato digital e homenageia a escritora Geni Guimarães

A festa criada pelo escritor Marcelino Freire segue a data prevista, de 3 a 7 de setembro, será transmitida pelo site e fará uma homenagem à escritora do interior paulista: "se o Brasil não conhece Geni Guimarães, algo está errado com o Brasil"

"Um abraço solidário". É assim que o idealizador e organizador da Balada Literária, Marcelino Freire define o novo formato da 15ª edição que acontecerá na data prevista, de 3 a 7 de setembro. "Cada atração será aberta por um profissional dos bastidores, como camareira, iluminador, técnico de som. Dessa maneira, a Balada Literária, como um todo, abraçará os profissionais, descobertos pela pandemia, que fazem eventos assim acontecer", diz Freire.

Totalmente on-line, com encontros transmitidos pelos site (www.baladaliteraria.com.br), a festa homenageia Geni Guimarães e traz nomes como Conceição Evaristo (amiga da homenageada), Márcia Tiburi, Juraci Tavares, Douglas Machado, Sidney Santiago Kuanza, Zezé Motta, Miriam Alves, Gabi da Pele Preta, Esmeralda Ribeiro, Aza Njeri, Luz Ribeiro, Cátia de França, Ricardo Aleixo, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara.

"Insisto que faremos uma festa 'presencial'. Porque estaremos presentes. Marcando 'presença' na casa das pessoas. Será um abraço solidário em cada leitor e leitora. Desde 2006 realizamos o evento anualmente de forma ininterrupta. A nossa luta é manter a Balada de pé, porque precisamos de ações propositivas. A Balada sempre foi feita com amor e teimosia e enfrentamento", diz Freire.

A Balada Literária contará com aulas, conversas, shows, exibição de filmes e saraus unindo autores brasileiros a autores africanos. Para finalizar cada dia, um encontro no Zoom reunirá participantes e público na "Balada da Balada", com leituras e temáticas pré-definidas, a exemplo do já tradicional "Sarau Transversal" de temática LGBTQI+.

A abertura, marcada para o dia 3 de setembro, será às 19h, com show da pernambucana Gabi da Pele Preta, exibição do documentário "Geni Guimarães", dirigido por Day Rodrigues, e mesa com a diretora, a homenageada, Conceição Evaristo e a bibliotecária Bel Santos Mayer.

Para fazer o filme, Day passou dois dias com a autora na cidade de Barra Bonita, no interior do estado, onde colheu cenas do cotidiano, marcadas pela presença familiar, irmãos, filhos, sobrinha, netos, relembrando objetos do passado, recitando seus poemas e reunindo depoimentos de uma trajetória. "Onde estão seus livros que não chegaram em todos os brasileiros? Ela diz uma coisa que me marcou sobre o processo que os negros precisam passar para encontrar

sua voz, os não-brancos, como ela chama. Durante este processo do documentário já vejo o quanto ela me libertou, de uma voz literária acadêmica que eu sempre busquei e que agora não faz mais sentido", conta Day. No filme, Geni fala ainda sobre a amizade com Conceição Evaristo.

A Balada Literária conta com os apoios do Itaú Social, Instituto Vagalume, Biblioteca Mário de Andrade, Centro Cultural b_arco, Livraria da Vila e Navega. Toda a programação é gratuita e estará disponível no site a partir do dia 21 de agosto. Assim que transmitidas, cada atração ficará também disponível para ver novamente. "Será um acervo permanente para consulta. E para fazer companhia às pessoas que estão em suas casas".

A edição de Teresina acontece antes, dias 24 e 25 de agosto, e a de Salvador será simultânea a de São Paulo.

A homenageada Geni Guimarães é autora de 10 livros de poemas, contos e infantis, recebeu prêmio Jabuti por "A cor da ternura", nasceu em 1947 e é ativista em causas sociais e identitárias desde o início dos anos 1980. Numa época em que não se colocavam tais assuntos como responsabilidade de todos, debateu literatura negra, feminismo e construiu sua obra como forma de libertação em busca de deixar uma voz que ainda hoje é pouco ouvida. Na Balada Literária do ano passado, Valter Hugo Mãe conheceu a escritora, ficou impressionado e publicou um artigo longo sobre o seu trabalho em Lisboa, e quer agora publicá-la em Portugal.

BALADA LITERÁRIA 2020
UM ABRASO SOLIDÁRIO
XVANO - ON-LINE
De 3 a 7 de setembro

Em Teresina: dias 24 e 25 de agosto
Em Salvador: simultânea a de São Paulo

Homenageada nacional:
GENI GUIMARÃES

Homenageados locais:
DOUGLAS MACHADO (Teresina)
JURACI TAVARES (Salvador)

Curadores convidados:
NELSON MACA (Salvador)
WELLINGTON SOARES (Teresina)

Programação completa no

site: www.baladaliteraria.com.br

PUBLICAÇÕES

Obra individual

Terceiro filho. Bauru: Editora Jalovi, 1979 (poemas).

Da flor o afeto, da pedra o protesto. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981, 1ª e 2ª ed. (poemas).

Leite do peito. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1988. 2 ed. 1989 (contos).

A cor da ternura. São Paulo: Editora FTD, 1989. 12 ed. 1998 (contos).

Balé das emoções. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1993 (poemas).

A dona das folhas. Aparecida: Editora Santuário, 1995 (infantil).

O rádio de Gabriel. Aparecida: Editora Santuário, 1995 (infantil).

Aquilo que a mãe não quer. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1998 (infantil).

Leite do peito. Ilustração e projeto gráfico de Regina Miranda, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001 (contos, reedição revista e ampliada).

O pênalti. São Paulo: Editora Malê, 2019 (infantil).

Traduções

The color of tenderness. Tradução de Niyi Afolabi. Trenton, NJ: Africa World Press, 2013.

Antologias

Cadernos negros 4. São Paulo: Edição dos Autores, 1981.

Axé. Antologia contemporânea da poesia negra brasileira. Organização de Paulo Colina. São Paulo: Global Editora, 1982.

IKA. Zeitschrift für Kulturaustausch und internationale Solidarität, maio 1984, nº 25. A razão da chama. Antologia de poetas negros brasileiros. Organização de Oswaldo de Camargo. São Paulo: GRD, 1986.

O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira. Organização de Oswaldo de Camargo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

Schwarze Poesie, Poesia Negra. Organização de Moema Parente Augel. St. Gallen/Köln: Edition dié, 1988.

Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Organização de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 2, Consolidação.

Informações para a Imprensa

Juliana Gola | 11 99595-2341 | jugola@gmail.com | @jugola

Pintor dos Orixás:

baiano Ed Ribeiro é destaque mundial nas artes plásticas

Por Rafaela Pinto



A zona rural de Catu, a 80km de Salvador, no Recôncavo Baiano, abriga entre a natureza pacífica do local um “santuário” repleto de obras de arte, que já surpreende os visitantes com seu cartão de visitas, um jipe de pedra renascido da natureza do tamanho de um carro real. Passando pela curiosa entrada, quem adentra os fundos da casa se depara com mais surpresas, com esculturas grandiosas e telas que deleitam os olhares dos visitantes, todas reunidas no Ateliê Museu Ed Ribeiro.

O Ateliê de Edmilton da Cruz Ribeiro, ou popularmente conhecido pelo seu nome artístico Ed Ribeiro, de 67 anos, surgiu em 2010 após seu

retorno de Paris, onde conheceu e passou admirar o mundo das artes. Desde então, Ed, ou Pintor dos Orixás, como também é conhecido, montou seu ateliê, abandonou o mundo dos negócios e passou a ter um contato direto com a pintura, sob influência da natureza, passando seus primeiros anos como artista de pincéis e espátulas.

Passados 10 anos, Ed Ribeiro, agora curador, artista plástico e escultor, ou seja, aquele que enxerga onde ninguém vê, encanta o mundo com seu estilo de arte própria intitulada de “Derramador de tinta”, reconhecida nacionalmente e internacionalmente. O artista é laureado pela Acadêmique Des Arts Sciences Et Lettres de

Paris, com a Medaille d’Argent (prata), e conta também com premiações como o Berimbau de Ouro em 2015, e a medalha de ouro pela Sociedade Brasileira de Belas Artes, em 2009.

Ed Ribeiro, figura popular na Bahia antes mesmo de se tornar artista, administrava na região do Canela, o Point do Acarajé, popular estabelecimento de comidas típicas da Bahia. Apesar de todo sucesso, sua carreira aos 52 anos tomou rumos diferentes, distanciando-se do mundo dos negócios e voltando para o local onde nasceu, firmando raízes artísticas em sua terra natal.

Sua técnica intitulada “Derramamento de tinta”, é especulada como uma das

grandes inovações do mundo da arte, sendo citado por estudiosos como o terceiro inovador do século 19 ao 21 no mundo da arte, estando entre grandes nomes como Jackson Pollock e Pablo Picasso. A técnica, única pelas mãos de Ed Ribeiro, consiste no derramamento de tinta e movimentação da tela para criar as formas, com temáticas voltadas em 90% para os panteões da cultura afro.

Com obras de destaque internacional, Ed Ribeiro e seu ateliê recebem visitantes baianos, brasileiros e de outros países, como estadunidenses e suíços. As atrações do espaço consistem em materiais descartados transformados e renascidos em obras de arte, como árvores queimadas, além da exposição de suas



reconhecidas telas.

Entre as produções a ocupar o espaço, destaca-se o “Dinossauro” de 10 metros de comprimento; “A Grande Batalha”, representando a batalha dos orixás; “A Lagoa de Dois Corações”; o “Mijão”, todas disponíveis para

visitação gratuita, além das telas como “Xangô”, “São Jorge”, e “Iansã”.

“Meu ateliê é meu santuário, minha conexão direto com os orixás, onde eu entro em contato com essas energias, onde me dá a inspiração necessária para criar essas obras”, explica Ed.

Planejando duas grandes exposições para o ano de 2020, o Pintor dos Orixás planeja levar a mitologia africana para os palcos da Grécia, conectando os panteões gregos aos africanos. Além desse projeto, o artista plástico também conta com uma exposição na França, ainda não datada.

O Ateliê Museu Ed Ribeiro está disponível todos os dias para visitaçã o, mediante agendamento através do contato (71) 99957-5439.



Filosofias — Entre “Um Festival de Incertezas” e “Ideias Para Adiar o Fim do Mundo”

Fabiana C. Moura

Refletir sobre a natureza complexa da vida e da existência humana não é um exercício minimalista, ou simplório. Nem sempre estamos preparados para o mergulho interior necessário para nos provocar a pensar e desconstruir verdades que considerávamos inabaláveis. Nós estudamos História e observamos os cenários devastadores das guerras como espectadores diante de um filme. Sinto que os sujeitos da minha geração, em sua maioria, não conseguiram sentir cortar a própria carne e nem consideram isso necessário.

Perante a leitura do artigo “Festival de Incertezas”, e esta fala fortemente provocativa, assim como todo constructo filosófico de Edgar Morin:

“É TRÁGICO que o pensamento disjuntor e redutor soberano em nossa civilização e detenha o comando tanto na política e na economia.”

Questiono-me, qual é o meu, o seu, o nosso papel como protagonistas das incertezas e do caos? Remeto-me a obra do Ailton Krenak, **Ideias Para Adiar o Fim do Mundo**, indago-me, em que momento nos distanciamos tanto da nossa condição de humanidade? Pergunto-me que espécie de “humanidade” é essa defendida pela perspectiva imperialista, neoliberal e excludente.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos

fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2019)

Estamos dispostos a nos alistar na luta por justiça social e equidade? Estamos abertos a sonhar, dançar na chuva, escutar o som da mãe terra? Somos formados para planejar nossos currículos com emaranhados de conteúdos para uma realidade de incertezas? Questionamo-nos, como o conhecimento científico ganha sentidos e significados em pleno **“FESTIVAL DE INCERTEZAS”**? É possível reconhecermos a ciência como caminho para nossa humanização, de transformação social, elaboração de novos estilos de vida, consumo e produção?



“Esta é a ocasião para compreender que a ciência, diferente da religião, não tem um repertório de verdades absolutas e que suas teorias são biodegradáveis sob efeito de novas descobertas “

A Educação para o século XXI, mais especificamente o espaço escola precisa se constituir como “Residência de Aprendizagem Colaborativa”, espaços multidisciplinares de estudos de caso, pesquisa, leitura, construção do conhecimento científico, contação de história, danças, canais no youtube etc, tudo que a criatividade humana for capaz de desenvolver numa perspectiva holística e integradora, mas, sabemos que não basta reconfigurar o espaço-escola, é preciso fortalecer como princípio básico uma nova estrutura econômica e política.

Pensar a economia por outras perspectivas envolve caminhos que

perpassam por uma educação para conhecer o neoliberalismo em seus efeitos nefastos. Reconfigurar os padrões de consumo, os ideários de riqueza, o conceito capitalista de felicidade. Para tanto, é necessário nos educar interiormente para promover ambientes catalizadores de aprendizagem e engajamento, para a construção de novos cenários, assim pode ser que seja possível, “Adiar o fim do mundo” apesar do cotidiano nos colocar sempre frente a este “Festival de Incertezas.”

“Na carência dos poderes públicos, identifica-se também uma profusão de imaginações solidárias: produção alternativa para a falta de máscaras por empresas

reconvertidas ou por confecções artesanais, reagrupamento de produções locais, entregas gratuitas em domicílio, ajuda mútua entre vizinhos, alimentação gratuita aos sem-teto, cuidado das crianças. A mundialização criou uma interdependência, mas sem que tal interdependência fosse acompanhada de solidariedade”

Em suma, como nos propõe Krenak, certamente os povos indígenas e tradicionais podem nos guiar através de sua experiência, não apenas a sobreviver, mas de reconstruir pela natureza a orientação para a vida, “uma nova humanidade”. Penso que a educação em redes colaborativas e a economia solidária apresentem-nos novos mundos possíveis.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

Esta edição eletrônica do livro *Um Festival de Incertezas* de Edgar Morin foi produzida no dia 21 de abril de 2020 pela editora Gallimard. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>

Fabiana C. Moura

Pedagoga, Psicopedagoga, Mestra em Educação Científica, Especialista em Direitos Humanos e Democracia, Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual de Educação - Bahia

PARTEIRAS

Paulo Roberto Nogueira Silva*



As parteiras desempenharam um ofício de crucial importância para a humanidade, sobretudo, nos idos do século passado nos lugares mais remotos, onde não haviam um mínimo de acesso via veículo automotor. As heranças históricas das mulheres foram relegadas por conta de um sistema patriarcal que tentaram mantê-las na invisibilidade devido à condição de submissão e de inferioridade atribuída, sobretudo às negras, analfabetas e de classe social desfavorecida. Fenômenos arraigados no cotidiano vivo impedem de reconhecer o legado deixado por essas mulheres que travaram batalhas em várias frentes, em momentos de carência e falta de recursos elas supriam a ausência quase que total de políticas públicas destinadas à população de classe baixa e enveredaram pelos espaços públicos na função de educar, prover e, principalmente, de cuidar.

As relações e sociabilidades construídas pelas parteiras em sua maioria mulheres negras, sem subsídios financeiros, sem conhecimento acadêmico, mas com um grande conhecimento adquirido ao longo de anos de exercício do seu ofício, onde são identificadas as redes de relações e sociabilidades construídas por elas, as posições das hierarquias de classe, gênero e raça/etnia, interpretando os significados dos lugares sociais

ocupados no espaço público subalterno e realçam a identidade étnica nas memórias sobre os fazeres e saberes ancestrais que foram passados de mãe para filha.

O ofício de partejar

faz parte das tradições afro brasileiras, sobretudo, por conta das dificuldades que as mulheres negras viveram no período que foram escravizadas e precisavam sozinhas dar conta desse ofício. Portanto, posteriormente essas mulheres continuaram a se destacar como parteiras detentoras de conhecimentos tradicionais, técnicos e do respeito dado por outras mulheres e suas comunidades, mas sem terem o reconhecimento social e profissional, considerando ser uma atividade não profissional e vista com insignificância e invisibilidade, sendo substituída por outro tipo de assistência mais qualificada, mas muitas vezes desumanizada. As parteiras foram e ainda são mulheres humildes com idade entre 18 e 89 anos, a maioria não é alfabetizada. Apesar disso, desenvolvem o dom de partejar por herança de suas ancestrais desde o tempo em que viviam nas senzalas e eram obrigadas a se virar sozinhas. Dessa forma, por necessidade preservam e mantêm conhecimentos que são passados de geração em geração, atuando em locais em que há extrema falta de médicos e condições de locomoção

para hospitais, elas viajavam a pé, a cavalo, arriscam em rios, riachos e enfrentam os desafios da natureza. São mulheres que vão onde a gestante espera pelo toque das suas mãos, pelas rezas e cantos que fortalecem o espírito e suprem a falta de políticas públicas de assistência à saúde.

O legado deixado pelas parteiras

Essas mulheres aprenderam naturalmente e com a prática o trabalho de partejar. Em condições de trabalho precárias se viam na única condição de realizar um trabalho em domicílio. Nas famílias realizavam cuidados à mãe e ao bebê, muitas vezes muito além do parto. Destaca-se a paciência para atender à necessidade de que o parto fosse normal, considerando que não havia outras possibilidades pela total ausência de médicos, falta de hospitais, estradas vicinais sem condições de tráfego, carência de meios de transporte e, sobretudo, falta de ferramentas, instrumentos e medicamentos. Entretanto, realizavam seu trabalho com desprendimento e a compensação vinha do reconhecimento social individual por parte dessas mulheres, crianças e suas famílias. Os reconhecimentos são pontuais daqueles que souberam de sua história e de uma maneira ou de outra foram beneficiados por elas.

* Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidades
Esp. em História e Cultura Afro Brasileira
Esp. em Educação no/do Campo
Graduado em História
Graduando em Pedagogia



71%

do desmatamento da Mata Atlântica entre 2018 e 2019 ocorreu em apenas 100 municípios

Por nome nome nome

Segundo Atlas dos Municípios, nos últimos anos de eleição municipal (2012 e 2016) houve um aumento na quantidade de cidades com desmatamento acima de 3 hectares

19 de agosto de 2020

No período entre 2018 e 2019, 71% do desmatamento na Mata Atlântica ocorreu em menos de 3% (100) dos municípios do bioma (3.429). No total, cerca de 400 cidades desmataram a floresta nativa neste período, pouco mais que 10% dos municípios do bioma. Essa também foi a média de municípios desmatadores dos últimos 10 anos, apesar de haver uma variação entre 200 e 550 cidades por ano. As informações são do Atlas dos Municípios da Mata Atlântica, iniciativa da Fundação SOS Mata Atlântica e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) realizada desde 2000. O estudo teve execução técnica da Arcplan e patrocínio de Bradesco Cartões.

Relatório: <https://www.sosma.org.br/sobre/relatorios-e-balancos/>

Os dados foram apresentados em webinar nas redes sociais da Fundação SOS Mata Atlântica, na quarta-feira (19), às 18h30.

O Atlas dos municípios traz informações de todos os remanescentes de vegetação nativa e áreas naturais do bioma acima de três hectares. Para as cidades do Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo é possível obter dados acima de um hectare.

Conforme anunciado pelo Atlas da Mata Atlântica em maio, que traz os dados gerais nacionais e por estado, foram desmatados no período 14.502 hectares – um crescimento de 27,2%, após dois períodos consecutivos de queda – comparado com o período anterior (2017-2018), que foi de 11.399 hectares. Estes dados consideraram desmatamentos acima de três hectares.

A situação nos municípios comprova o que temos alertado há anos, mas infelizmente o cenário não muda. É de conhecimento das autoridades onde ocorre o desmatamento da Mata Atlântica ano a ano. São poucas regiões, porém com altas taxas de desmatamento e impacto ao meio ambiente. Zerar o desmatamento no bioma passa por priorização do poder público e atuações estratégicas nestes locais“, afirma Marcia Hirota, diretora executiva da Fundação SOS Mata Atlântica e coordenadora do estudo.

Para saber se sua cidade fica na Mata Atlântica, quanto ainda há de floresta nela e onde esses fragmentos se localizam, clique aqui. De forma lúdica e prática, a iniciativa Aqui Tem Mata também apresenta os índices de desmatamento no bioma.

Ranking do desmatamento

O município campeão de desmatamento entre 2018 e 2019 foi Manoel Emídio (PI), com 879 hectares suprimidos, seguido de Gameleiras (MG) e Canto do Buriti (PI), com 434 e 404 hectares de floresta nativa derrubada, respectivamente.

Veja o ranking completo

Lugar	Município / UF	Hectares desmatados
1º	Manoel Emídio (PI)	879
2º	Gameleiras (MG)	434
3º	Canto do Buriti (PI)	404
4º	Nova Laranjeiras (PR)	332
5º	Cotegipe (BA)	287
6º	Porto Seguro (BA)	240
7º	Guarapuava (PR)	218
8º	São Félix do Coribe (BA)	193
9º	Jequitinhonha (MG)	191
10º	Santa Luzia (BA)	188

Acesse os mapas deste ranking

Acesse os mapas das 10 cidades que mais desmataram em cada estado

Década de degradação

Nos últimos 10 anos, dois municípios do Piauí sempre lideraram o ranking dos maiores desmatadores. São eles a cidade de Alvorada do Gurguéia – que foi a líder até o último levantamento, porém agora conseguiu reverter a situação e apresentou 22 hectares desmatados –, e Manoel Emídio, que continua no ranking, desta vez no indesejável primeiro lugar.

Outro histórico que se repete é em Minas Gerais. As terceira, quarta e quinta posições no ranking de desmatamento de 10 anos são ocupadas pelos municípios mineiros de Jequitinhonha, Ponto dos Volantes e Águas Vermelhas. Jequitinhonha e Águas Vermelhas, como registraram queda de 20% e 64% com 191 e 137 hectares de desmatamento, respectivamente, também saíram do topo da lista em 2018-2019, ficando em 9º e 21º lugares em 2018 e 2019, respectivamente. Apesar de registrar aumento de 40% (51 hectares desmatados no período atual) em relação ao período anterior (36 hectares), Ponto dos Volantes também não figurou na lista. Estes municípios fazem parte, desde 2012, do chamado Triângulo do Desmatamento da Mata Atlântica. Trata-se da região mais crítica das matas secas no noroeste mineiro. Na região, as florestas nativas foram transformadas em carvão e depois substituídas por eucalipto.

Veja o ranking do desmatamento na última década

Município / UF	Hectares desmatados
Alvorada do Gurguéia (PI)	6.869
Manoel Emídio (PI)	6.693
Jequitinhonha (MG)	6.174
Ponto dos Volantes (MG)	5.606
Águas Vermelhas (MG)	5.423
Eliseu Martins (PI)	5.041
Santa Cruz Cabrália (BA)	3.559
Belmonte (BA)	3.303
Baianópolis (BA)	2.841
Wanderley (BA)	2.731

Dos 100 municípios que mais desmataram, 40 estão em Minas Gerais, 23 na Bahia, 22 no Paraná e 15 em outros estados. “Vale destacar que o histórico do ranking estadual também se repete. Estados como Bahia, Minas Gerais, Paraná e também o Piauí estão no topo da lista dos maiores desmatadores há algumas edições do Atlas com variação de colocação entre eles”, afirma Cláudio Almeida, coordenador do Programa de Monitoramento da Amazônia e demais Biomas do INPE.

Chamou a atenção dos especialistas o fato de um município conhecido por seus atrativos turísticos e um dos destinos mais conhecidos pelos brasileiros ser um dos 10 que mais perderam Mata Atlântica entre 2018-2019. Com 240 hectares desmatados, Porto Seguro (BA) ocupa o sexto lugar do ranking.

Outro dado alarmante é que nos anos de eleições municipais tem aumentado o número de municípios desmatadores, sendo cerca de 500 em 2012 e 550 em 2016, os maiores índices da década.

“As autoridades não podem se esconder no argumento de que os desmatamentos vêm de um histórico de outras gestões. É isso que dá, ano após ano, a sensação de impunidade e liberdade para os desmatadores avançarem sobre o bioma. Estamos novamente em um ano eleitoral e é importante evitar este padrão. Ferramentas e tecnologia para isso existem e nossos dados estão sendo disponibilizados para as autoridades e para a sociedade”, afirma Mario Mantovani, diretor de Políticas Públicas da Fundação SOS Mata Atlântica.

Do lado positivo, um dado curioso é que um dos 10 municípios que mais possuem Mata Atlântica está no Mato Grosso do Sul – é a cidade de Porto Murtinho, em parte dentro dos limites do Parque Nacional da Serra da Bodoquena. Os demais municípios estão no Paraná, no Piauí e em São Paulo.

Veja o ranking completo das 10 cidades com mais floresta

Município Total Área Florestal (em hectares)

Guaribas (PI)	176.483
Guaraqueçaba (PR)	162.016
Iguape (SP)	153.092
Canto do Buriti (PI)	118.491
Eldorado (SP)	118.024
Porto Murtinho (MS)	113.642
Guaratuba (PR)	106.266
Cananéia (SP)	102.650
Iporanga (SP)	93.989
Céu Azul (PR)	85.936

A Mata Atlântica é uma das florestas mais ricas em diversidade de espécies e também uma das mais ameaçadas do planeta.

Presente em 15% do território nacional, a Mata Atlântica é casa de aproximadamente 70% da população e o bioma mais próximo das grandes cidades e metrópoles brasileiras, incluindo 56% da área urbana do Brasil. Sendo assim, os especialistas acreditam que a conservação local é uma das principais ferramentas para a manutenção do bioma, que oferece uma das poucas oportunidades de contato com a natureza para a população dos 3.429 municípios inseridos na Mata Atlântica, além de garantir água, melhoria do clima, da saúde e do bem-estar das pessoas.

O bioma está em 17 Estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe), dos quais 14 são costeiros. Hoje, restam apenas 12,4% da floresta que existia originalmente e, desses remanescentes, 80% estão em áreas privadas.

Crédito: Fundação SOS Mata Atlântica
Mata Atlântica
Beloyanis Monteiro
beloyanis@sosma.org.br
bello.monteiro@facebook.com
skype:bellomonteiro



PERDAS HUMANAS

Domingos Ailton

Este ano de 2020 tem sido marcado por muitas perdas humanas decorrentes não só da pandemia do Covid 19, mas de outras doenças e de acidentes. Recordamos aqui a partida nos últimos dias de pessoas queridas.



Alfredo Sirkis

Morreu dia 10 de julho último, vítima de um acidente automobilístico, o jornalista, escritor, ambientalista e ex-deputado federal Alfredo Sirkis, de 69 anos, fundador do Partido Verde no Brasil. Era diretor executivo do Centro Brasil no Clima (CBC) e foi coordenador do Fórum Brasileiro de Mudança do Clima de 2016 e 2019. Atuante na militância estudantil dos anos 60 contra a ditadura militar, Alfredo Sirkis esteve exilado em países como Chile e Argentina na década de 1970, voltando ao Brasil em 1979. Deu início então a sua carreira política, atuando no Rio de Janeiro como vereador e secretário municipal do Meio Ambiente. Em 1998, disputou pelo PV a eleição presidencial. Como jornalista e escritor, foi autor de nove livros, incluindo "Os Carbonários", vencedor do Prêmio Jabuti de 1981. Sirkis iniciou seu trabalho no jornalismo em 1973, em Paris, onde estava exilado, no jornal Libération, dirigido pelo escritor Jean-Paul Sartre. Sirkis era uma referência nacional e internacional do movimento ambientalista.

Flordinice Ribeiro de Novaes (Tia Sinha)

Matriarca de uma família muito conhecida e respeitada na região da Cajazeira, interior de Lafaiete Coutinho, Flordinice Ribeiro de Novaes (Tia Sinha) faleceu dia 2 de agosto aos 91 anos, suspeita de Covid 19. Irmã de minha mãe Helena, Tia Sinha era uma pessoa hospitaleira para com todos que chegavam em sua residência na Fazenda. Era famosa por preparar um delicioso doce de leite e também por muitas histórias que contava.



Jorge Portugal

O ex-secretário estadual da Cultura da Bahia, Jorge Portugal, 63 anos, morreu em Salvador na noite de segunda-feira, 3 de agosto de falência cardíaca aguda. Além de ter sido professor de muita gente na Bahia, Jorge Portugal era também compositor, poeta e apresentador de programas marcantes na televisão, a exemplo do Aprovado na TV Bahia. Natural de Santo Amaro, no Recôncavo, Portugal era um compositor e letrista aclamado, com parcerias de sucesso com Roberto Mendes, em 'Só Se Vê Na Bahia', e com Raimundo Sodré, em 'AMassa'

Jaime Sodré

O historiador e professor Jaime Sodré morreu dia 6 de agosto, aos 73 anos, em Salvador. Sodré era doutor em História da Cultura Negra e referência na área. Também estudava as Religiões de Matriz Africana e trabalhava como professor da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (Ifba), antigo Cefet. Entre 1995 e 2011, Jaime Sodré publicou diversos artigos sobre a Cultura Negra, como a antologia Literatura e Afrodescendência no Brasil, e o livro Da Diabolização à Divinização: A Criação do Senso Comum, publicado pela editora Edufba



Nilson Ribeiro

Faleceu no dia 13 de agosto no Hospital São Rafael, em Salvador, o bancário aposentado Nilson Roberto Ribeiro Oliveira, sobrinho do poeta Pacífico Ribeiro. De acordo as informações Nilson Roberto, 90 anos, foi testado para covid-19, em Jequié, sendo transferido para a capital. Era o pai dos médicos Dra Marília e o Dr. Nilson Ribeiro Júnior. Durante sua trajetória profissional, atuou por muitos anos na agência do Banco do Brasil, em

Jequié, posteriormente assumiu a subgerência do banco em Vitória da Conquista e, posteriormente a gerência na cidade de Ipiá, onde permaneceu por três anos, até aposentar-se. Na área pública exerceu a chefia de gabinete na gestão do ex-prefeito Luiz Amaral (2009/2013). Leitor assíduo, Nilson Ribeiro era assinante da COTOXÓ e incentivava a publicação da revista.

Joel Matos

Registramos com profundo pesar, o falecimento do médico-veterinário Joel Andrade de Mattos, 80 anos, ocorrido na quarta-feira, dia 19 de agosto, no Hospital Santa Helena, em Jequié, cidade onde estava radicado havia vários anos, tendo desempenhado atividades profissionais no antigo Instituto Biológico da Bahia-IBB, posteriormente na EBDA/ADAB. Deixa a viúva, Elizabeth Mattos, e os filhos Ana Paula Mattos, pneumologista, Luciana Mattos, enfermeira, e Leonardo Mattos, educador físico. Natural de Itaquara, era pessoa engajada na sociedade jequeense, sendo membro da Loja Maçônica União Beneficente, da qual foi Venerável, do Rotary Club de Jequié, do Conselho Comunitário, Sindicato Rural e um dos fundadores da Associação Municipal de Medicina Veterinária-AMVEJ. mvej. Dr. Joel Mattos era grau 33°, e foi Venerável da Loja Maçônica Areópago Jequeense, do Oriente de Jequié. Dr. Joel estava em tratamento médico há algum tempo e se encontrava internado no Hospital Santa Helena. O Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado da Bahia (CRMV/BA), registrou com pesar notícia do seu falecimento, publicando dados de sua trajetória profissional enaltecendo o trabalho desenvolvido para o desenvolvimento da Medicina Veterinária na Bahia. Joel Matos era assinante da Revista COTOXÓ e entusiasta da publicação da revista. Washington Novaes

O jornalista e escritor e colunista Washington Novaes, de 86 anos, morreu dia 24 de agosto em Aparecida de Goiânia. Washington foi repórter, editor, diretor ou colunista em Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo, Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil, Última Hora, Correio da Manhã, Veja e Visão. Também passou pela edição do Globo Repórter e do Jornal Nacional, da TV Globo.

O jornalista ficou conhecido por se dedicar, principalmente, às questões ambientais, desenvolvendo um relevante trabalho de jornalismo ambiental.

Fonte: O Globo e Jequié Repórter

INTENDENTE DE JEQUIÉ

por Charles Meira

No sábado (03/08/2013), encontrei com meu amigo José Roberto Santos Silva (Beto da Gráfica) na Praça Rui Barbosa. Na oportunidade, ele me disse que seu sogro Benur, que é neto do Coronel Urbano de Souza Silva Brito Gondim estava na sua residência já há alguns dias visitando a filha Mirtes Maria Meira Silva, que é sua esposa e como era sabedor de que eu gostava de escrever sobre a história de Jequié, convidou-me para conhecê-lo. Fiquei bastante interessado e marquei a visita para o domingo depois das 11H, quando termina a Escola Dominical da Igreja Batista São.

Como faço todos os domingos, fui com minha mãe para a igreja e depois do culto fomos visitar parentes do meu pai no bairro do Mandacarú e em seguida fomos para a casa de Beto como ficou combinado. Depois de alguns minutos procurando a casa, fui atendido pelo interfone por uma voz feminina, confirmando de que ali era a casa do meu amigo. Com muita alegria fomos recebidos por Beto e seu belo cachorro estimação. Numa casa muito bonita, subimos uma rampa e entramos numa sala onde estava seu sogro sentado no sofá e também sua esposa que chegava



sorridente de outro compartimento da casa para nos receber. Depois de abraçar Mirtes e dizer que somente pelo fato de conhecer seu pai estava pela primeira vez na sua residência, fomos apresentados a seu Benur. Carinhosamente fomos abraçados por ele, que já tinha trocado de roupa varias vezes para receber seus parentes. Em seguida, Beto falou que ele tinha ouvido a minha entrevista na rádio e perguntou quem era aquele Meira, citação que foi confirmada com um largo sorriso por seu Benur. Sentamos e eu comecei o bate-papo com o neto do Coronel Gondim. Inicialmente, ele me disse que tinha nascido na cidade de Jequié em 07/04/1919, e era viúvo. Depois falou que morou na fazenda "Umbuzeiro" propriedade de seus pais Tarcilo Meira Castro e Lúcia Angélica Brito Meira em Catingal, distrito de Manoel Vitorino e posteriormente veio morar na

fazenda "Jataí", que ficava no Baixão, distrito de Jequié, que pertencia aos pais de sua esposa. Contou também que tinha nove filhos e que atualmente estava morando com três deles em Salvador. Com 94 anos de idade e bastante lúcido, falou de Zezinho dos Laços, outros coronéis e várias pessoas que eu não conhecia. Foram momentos alegres que passamos na casa de Beto e Mirtes naquela manhã de domingo, onde naquela estiveram reunidos: Benur Meira Gondim, neto do primeiro Intendente de Jequié o Coronel Urbano de Souza Silva Brito Gondim e Maria Letícia da Silva Meira neta do segundo Intendente de Jequié o Coronel José Marques da Silva (Zezinho dos Laços).



Venha aprender e sorrir com a gente!

gillemos
www.delascar.com.br

SMART WHATCHES
TECNOLOGIA

HUMOR

STAR WARS
CULTURA

QUEIMANDO A PIGANHA
SAÚDE

YOUTUBE/DELASCAR

GRÁFICA
Silva

*Transformando seu rascunho
em arte final*

Gráfica Silva
 graficassilva@hotmail.com
 73 3525-1731

Assine a Revista



A Revista da Terra e do Planeta Terra